



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 82º Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic)**

**Maceió-AL, 09 de junho de 2010**

Meu querido amigo governador do estado de Alagoas, Teotônio Vilela Filho,

Meu querido companheiro ex-governador de Alagoas, Ronaldo Lessa, Ministros que me acompanham neste encontro,

Deputado Fernando Toledo, presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas,

Deputados federais Fernando Chucre, Givaldo Carimbão e Francisco Tenório,

Meu querido companheiro Cícero Almeida, prefeito de Maceió, que, junto comigo, demonstra uma humildade tremenda de falar dos números (incompreensível) pesquisa,

Minha querida companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Paulo Safady Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil [Câmara Brasileira da Indústria da Construção],

Meu querido Marcos Holanda, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Alagoas [Sindicato da Indústria da Construção do Estado de Alagoas],

Meu caro José Carlos Lyra de Andrade, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Alagoas,

Empresários, empresárias,

Companheiros da imprensa,



Eu acho que o nosso companheiro Téo, no afã de vender as boas coisas de Alagoas para os congressistas, acabou com o congresso. Amanhã, meu caro Marcos Holanda e meu caro Paulo, vocês vão ter que sortear alguma coisa aqui para obrigar o pessoal a vir aqui pela manhã, porque ele ainda nem falou do pessoal comer siri mole, nem falou. Mas, certamente, o que ele falou é melhor do que uma reunião de trabalho.

Eu, sinceramente, ô Paulo, trouxe um discurso bem preparado, com muitos números, mas eu já me sinto representado aqui pelo discurso do companheiro Paulo Sérgio, pelo discurso do governador, pelo discurso do Cícero, pelo discurso do Paulo, pelo discurso do Marcos Holanda, pelo discurso que vocês vão fazer amanhã, depois de amanhã. Eu vou apenas dizer algumas palavras porque eu vou ainda para Sergipe hoje e amanhã tem atividade em Sergipe. Depois eu vou para Salvador e depois eu tenho que voltar para Brasília.

Queria dizer da minha alegria de estar vendo aqui o meu amigo Roberto Ponte, constituinte junto comigo em 1987,

Nosso querido companheiro Renato Rabelo, grande companheiro, presidente do PCdoB, que está aqui em Alagoas,

Meus companheiros e companheiras,

Eu penso, Paulo, que merece elogios o fato de vocês estarem fazendo o congresso no Nordeste brasileiro, sobretudo num estado pequeno como Alagoas. Este estado foi, durante muitos anos, o estado carimbado como o estado que nasceu para não dar certo. Eu lembro que este estado teve um governador que renunciou ao seu mandato depois de sair de uma reunião com o Ministério da Fazenda, no governo passado. Eu lembro que as pessoas tinham dificuldade de querer ser governador do estado de Alagoas porque era o estado que só aparecia nas páginas de jornais, ou com corrupção, ou com bandidagem, ou com crime organizado, ou com uma série de coisas e era um



estado que tinha dificuldades.

Eu penso que, como a gente aprendeu desde pequeno que em casa que não tem pão todo mundo briga e ninguém tem razão, e o Brasil passou, durante 25 anos, por uma situação muito difícil. A gente não pode deixar de avivar a nossa memória: o último presidente da República deste país que teve condições de fazer investimento foi o governo Geisel. E o governo Geisel conseguiu fazer investimento porque o dólar estava muito barato e nós tomamos dinheiro emprestado nos anos [19]70 para fazer uma boa política de desenvolvimento, e teve coisas muito importantes que aconteceram neste país. Só que depois, Paulo, nós fomos vítimas, porque tomamos dinheiro emprestado a uma taxa de juros muito pequena. Depois o Paul Volcker, secretário do Tesouro americano... presidente do Banco Central americano, para resolver o problema do déficit fiscal americano, elevou a taxa de juros a 21%, o dólar, e o Brasil ficou sufocado durante duas décadas e meia, porque depois do Geisel não pôde ter continuidade muita coisa, e nós passamos, então, a ter que ficar dependendo da boa vontade do FMI para fazer as coisas.

Paulo, vocês poderiam dizer aqui no Encontro, que durante 20 anos a construção civil brasileira só decaiu. É só pegar de 1975 para cá, a construção civil brasileira começou a entrar numa queda de perder quase metade dos empregos que tinha gerado na década anterior. Muitos empresários brasileiros passaram a ganhar dinheiro no exterior. Tinha empresas, pouco tempo atrás, que tinham mais, muito mais investimentos no exterior do que no Brasil, porque o governo federal não contratava obras porque não tinha dinheiro, o governo estadual não contratava obras porque não tinha dinheiro, as prefeituras não contratavam obras porque não tinham dinheiro, os empresários não podiam fazer investimento porque não tinham crédito.

Vamos lembrar... para a gente lembrar, Paulo, o seguinte: quando nós chegamos à Presidência da República, nós constatávamos que o Brasil tinha apenas R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito no Brasil inteiro, R\$ 380



bilhões. A Caixa Econômica Federal tinha R\$ 5 bilhões para financiamento de casas. O BNB tinha emprestado, em 2002, apenas R\$ 262 milhões. O dinheiro disponibilizado para saneamento básico foi apenas R\$ 260 milhões. O BNDES era o banco que, primeiro, demorava uma exorbitância para conseguir estudar um projeto e o máximo que ele conseguia liberar era por volta de R\$ 38 bilhões. Vamos ver o que aconteceu nesses últimos anos. O Brasil saiu de uma... de um crédito de R\$ 380 bilhões para ter hoje R\$ 1 trilhão e 500 bilhões disponibilizados para crédito. A Caixa Econômica, da nossa querida Maria Fernanda, saiu de R\$ 5 bilhões para R\$ 47 bilhões no ano passado, e estão com desejo de fazer R\$ 55 bilhões este ano. O BNB saiu de apenas R\$ 262 milhões para R\$ 22 bilhões, e hoje o Banco do Brasil, sozinho, tem disponível para crédito tudo o que o Brasil inteiro tinha em 2003. O BNDES que, quando liberou muito, liberou R\$ 39 bilhões, no ano passado chegou a R\$ 139 bilhões, e este ano já estamos pensando em chegar a mais de R\$ 150 bilhões.

Ora, então, era uma heresia o discurso do governo, o discurso dos empresários e o discurso dos trabalhadores. Nós falávamos de um estado e de um país de economia capitalista, sem financiamento, sem crédito, e não é possível capitalismo sem capital, não é possível. Na medida em que você disponibiliza crédito, as coisas acontecem.

Ontem, no BNB, lá em Fortaleza, o BNB disponibilizou R\$ 1 bilhão e 300 milhões para um milhão de pequenos investidores no Nordeste brasileiro. São pessoas que pegam R\$ 900, R\$ 1.000, R\$ 1.200, R\$ 1.300, mas que geram um posto de trabalho. Nós não tínhamos crédito para as pessoas. Você sabe quanto, Paulo, que o crédito consignado já disponibilizou na praça brasileira para financiar o crédito pessoal? R\$ 120 bilhões. Aí as pessoas ficam tentando descobrir por que as coisas estão dando certo no Brasil. Quem foi prefeito, aqui, Téo, quem foi prefeito neste país sabe que a gente tinha, em Brasília, uma coisa chamada “fila burra”. Anunciava-se dinheiro para saneamento básico, os coitados dos prefeitos colocavam, sem saber, projetos embaixo do



braço, iam para Brasília, chegavam lá, entregavam no Tesouro para avaliação ou na Caixa Econômica, ou sei lá onde entregavam. Ora, o primeiro projeto não estava certo, portanto, não podia pegar o dinheiro. Em vez de dispensar o que não estava certo e contratar o segundo, utilizava aquele que não estava certo para não emprestar para o segundo, e ficava três, quatro anos um prefeito empacando os outros que tinham direito de pegar dinheiro. Essa era a realidade do nosso país.

Durante duas décadas, tudo o que a gente pegava de dinheiro era para pagar dívida. Era proibido falar em investimento. Então, inventou-se uma discussão, Paulo, que o Estado tinha que ser o Estado mínimo, que o Estado era inoperante, que o Estado era um fracasso. Agora, quando aconteceu a maior crise econômica depois do *crack* de [19]29, foi o Estado que conseguiu retomar a economia, e no Brasil foi o Estado, foi o Estado que tomou a decisão de comprar banco.

Vocês sabem quanta oposição eu enfrentei quando tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, em São Paulo, do governador Serra, e diziam para mim: “Lula, você é republicano demais. Você vai comprar a Nossa Caixa, vai dar dinheiro para o Serra fazer campanha”. Eu dizia: não me importa o que o Serra vai fazer com o dinheiro. O povo de São Paulo haverá de tomar conta do dinheiro. O que eu não posso é deixar o Banco do Brasil numa posição de não poder ajudar o Estado brasileiro a enfrentar a crise.

Eu queria resolver o problema do carro usado porque a gente não tinha *expertise* no Banco do Brasil. Nós não sabíamos financiar carro usado. Aí começaram a falar para mim: “Lula, você tem que formar gente do Banco do Brasil. Temos que contratar gente especializada”. Eu falei: vai demorar quanto? “Um ano”. E a crise é agora. Então, tomamos a decisão: vamos comprar logo essa tal de *expertise*, e compramos 50% do Banco Votorantim, que era quem tinha a maior carteira de carros. Por que nós utilizamos os bancos públicos, Paulo? Porque nós, quando liberamos o compulsório e devolvemos R\$ 100



bilhões do compulsório para os bancos brasileiros financiarem os bancos pequenos e comprarem carteira dos bancos pequenos, o que aconteceu? Os bancos grandes pegaram o dinheiro e foram comprar título do governo.

Então, o Estado não pode ser empresário, mas o Estado tem que ser o fiscalizador e o regulador das coisas. Se o presidente Bush tivesse tomado uma decisão ainda no mês de julho de 2008 e tivesse gasto US\$ 60 bilhões, ele não tinha deixado o *Lehman Brothers* quebrar e causar a desgraceira que causou na economia mundial. Agora nós vimos o que aconteceu: a demora em tomar decisão fez a Grécia quebrar, e se não tomar decisão logo faz a Espanha, faz Portugal e faz a Itália.

Então, a arte de governar é a arte de fazer com que o Estado haja no momento certo em que tem que agir. Não é ficar criando empresa estatal ou querendo discutir apenas a corporação dentro do Estado, não. É saber qual é o papel do Estado como indutor.

Nós sabemos o que significaram, Paulo, as medidas que nós tomamos na construção civil. Você está lembrado, no primeiro mandato... Ora, meu Deus do céu, como é que a gente queria que os bancos privados entrassem na construção civil, no financiamento de casas, se um cidadão comprava uma casa, não pagava e a gente não podia tomar a casa. Não podia tomar, porque quem fez a lei achava que estava protegendo o dono da casa. Mas quem é que vai vender casa se não pode tomar se o cara não pagar? Isso aqui não é uma instituição de caridade, é uma instituição de financiamento. Ora, se pode vender um carro e tomar um carro, por que vende uma casa, não pode pagar, e a casa não é devolvida?

Nós, nós, você sabe, que tivemos o apoio de muitos setores da construção civil, fomos para o Congresso e o Congresso ajudou a mudar a lei. Hoje, os bancos privados, que raramente investiam em habitação, estão investindo hoje. A verdade, Paulo, é que nem a Caixa Econômica estava preparada, os empresários não estavam preparados para...



Eu lembro, quando eu fui discutir, Paulo – você participou de duas reuniões –, quando a gente foi discutir o Minha Casa, Minha Vida. A gente queria um milhão de casas. Neste, agora, a gente queria três. Aí pediram para ir um pouco devagar, para a gente ir crescendo junto, porque a gente vai crescendo e vai aprendendo. Muita gente não estava mais interessada em investir porque não tinha retorno e não tinha garantia.

Hoje, eu acho que nós temos a Caixa Econômica com solidez. Não precisa ninguém brigar com a morosidade da Caixa Econômica, que eu brigo mais do que todos vocês juntos. Todo mundo sabe que eu brigo com a Maria Fernanda... Com ela, eu não brigo muito porque homem brigar com mulher não é legal. Eu brigo muito é com o Hereda, que está aqui atrás. Eu lembro das discussões que nós fizemos para construir o Minha Casa, Minha Vida, a quantidade de penduricalho que tem, o tanto de cobranças que tem: é um real, dois reais, 1%, 2%. O pobre, ele pagava mais de seguro do que de prestação da casa.

Então, eu penso, Paulo, que neste congresso aqui é importante que a gente consiga balizar e mapear os avanços que nós tivemos e mapear o que falta fazer, para que a gente possa aprimorar ainda mais. Este país aprendeu a gostar de si próprio, este país não quer mais voltar ao seu tempo das vacas magras, em que desciam uma mulher e um homem do FMI dizendo o que o Ministro da Fazenda tinha que fazer, os investimentos que tínhamos que fazer. Nós, agora, viramos donos do nosso nariz. Nós, agora, somos gente. Nós somos um país que tem um presidente e tem 190 milhões de caras. Não sou eu que sou o cara, são os caras que hoje são os empresários, são os trabalhadores, são os intelectuais.

Nós estamos num outro patamar, e é importante que um congresso como este faça a sua pauta de reivindicação e aponte novas referências, novas coisas que o governo tem que fazer, e o governo, humildemente, tem que conversar com as pessoas. Acabou, Paulo, aquela fase em que o cidadão era



eleito, achava que sabia tudo e não conversava com mais ninguém. Você participa do Conselho e você sabe como a gente faz. Você sabe que, na crise econômica, o Guido Mantega criou um conselho, que toda semana se reúne com ele, para a gente discutir o que fazer, para a gente ouvir quem vende, quem compra, quem produz. Eu fiquei muito feliz quando vi ontem, Marcos Holanda, que o PIB da construção civil chegou a 14,9% e tem perspectiva de ser maior ainda para o próximo ano.

Então, veja, era... eu fico com pena dos governantes que vieram antes de mim. Fico com pena porque todos estavam atrofiados. Se perguntar para algum de vocês: lembrem de alguma obra grande que foi feita depois de Itaipu. Não é que os presidentes não quisessem fazer. Todo mundo queria fazer. O problema é que o Estado não tinha condições de financiar, os empresários não tinham crédito, não tinham crédito.

Então, eu penso, companheiros e companheiras... Vocês vejam a evolução da nossa relação, companheiros e companheiras. Outrora, quem sabe eu não os chamasse de companheiros e companheiras e vocês também não aceitassem que eu os chamasse de companheiros e companheiras. Nós aprendemos, nós aprendemos que os empresários e os trabalhadores precisam do Estado e que o Estado precisa muito dos empresários e dos trabalhadores, e os três juntos constroem uma sociedade democrática, uma sociedade republicana, uma sociedade dona do seu nariz, uma sociedade com estabilidade.

Você sabe, Governador, do carinho que eu tenho pelo Nordeste, porque eu nunca me conformei de o Nordeste ser tratado como se fosse a cidadã... os homens e mulheres de segunda categoria. Só aparecia nas estatísticas do IBGE como maior número de mortalidade infantil, maior número de analfabetismo, maior número de esquistossomose, maior número de água não potável, de cidades sem saneamento básico, sem coleta, sem tratamento. Eram esses os indicadores do IBGE, e nós precisamos mudar, investir em



saneamento básico. Os empresários sabem há quantas décadas este país não tinha financiamento para cuidar de saneamento básico, para fazer drenagem, Marcos, há quantos anos! Este país aprendeu, desgraçadamente, que investir em coisas que põe embaixo da terra não dá futuro. Só em agricultura. Mas esse negócio de enterrar manilha, “que não dá para colocar nome de pai, nome de mãe, nome de ex-presidente, ex-prefeito, isso não dá certo. É bom fazer uma ponte!” As pessoas não se davam ao luxo de descobrir que o maior orgulho para um governante não é ter uma ponte com o nome da mãe ou do pai, mas é ter uma criança andando descalça, pisando na terra limpa, sem pegar doença e não pisando em esgoto a céu aberto.

Eu penso, companheiro Paulo, companheiro Holanda, eu penso que nós construímos uma relação muito forte, uma relação de seriedade, uma relação de sinceridade, uma relação de parceria, onde ninguém precisa mentir para ninguém e ninguém precisa enganar ninguém. Nós fazemos aquilo que está ao nosso alcance, e a construção civil brasileira – seja a construção civil leve, seja a construção civil pesada – vive um momento mágico neste país, em todas as cidades, em todos os estados, na cidade pequena ou na cidade grande. Isso porque nós arrumamos a casa e o Brasil agora está colhendo os frutos daquilo que plantou. Possivelmente isso venha desde o tempo em que o Brasil foi descoberto: alguém foi fazendo uma coisinha certa ali, outra errada.

O dado concreto é que nós estamos vivendo este momento e não vai poder parar mais, porque agora nós nos comprometemos a fazer a Copa do Mundo de 2014. São 14 cidades com estádios novos, são políticas de mobilidade urbana que nós temos que fazer, são hotéis para as pessoas virem para cá. E ainda mais: ganhamos as Olimpíadas para 2016. É mais um megaevento internacional que vai precisar de mais mobilidade urbana, de mais metrô, de mais corredor de transportes, de mais hotéis. Nós precisamos aproveitar essa oportunidade.

Você, companheiro... O companheiro Governador disse... O Téo disse



que aqui não tem engenheiro. Ô Téo, este país, em 1989, tinha praticamente 48 ou 50 mil escritórios de projetos neste país. Este país chegou em 2002 apenas com oito mil porque as pessoas se formavam engenheiras e iam trabalhar como analistas no sistema financeiro, iam trabalhar como qualquer coisa, porque não tinha emprego, e as escolas pararam de investir em Engenharia. Agora nós estamos retomando isso, estamos formando engenheiros nas universidades públicas, e estamos formando muito.

A nossa reitora que está aqui sabe a revolução que tem na educação brasileira. Saímos de 20 bilhões para 60 bilhões no orçamento da educação. Já construímos 12 universidades federais novas, 105 extensões universitárias; 706 mil alunos pelo ProUni; e o Reuni duplicou, em apenas dois anos, o número de renovação de vagas nas universidades federais, que era de 113 e passou para 227 mil vagas. Eu só tenho um compromisso agora com a universidade: é a autonomia universitária, que eu quero ver se entrego este ano ainda. Não sei se outros governantes vão gostar, mas eu vou fazer, nós vamos fazer.

A coisa mais extraordinária, Paulo, é que quem vier depois de mim sabe que mudou o patamar. A pessoa vai dizer: “Espera aí, se um torneiro mecânico, que não tinha diploma universitário, não era doutor como eu, não era... fez 12 universidades novas, por que eu não faço?”. Tem que fazer 13, tem que fazer 14, tem que fazer 15, porque este país precisa sair do atraso a que ele foi submetido. Nós não queremos continuar sendo exportadores de soja, de minério de ferro, (incompreensível) de carne, de suco de laranja. Não! Nós queremos exportar inteligência, exportar conhecimento, e só é possível isso através da educação.

Os empresários brasileiros, Paulo, têm que ser provocados – aquela boa provocação – para acreditarem na inovação. Você sabe que apenas seis mil empresas estão investindo em inovação. Não é que ninguém queira investir. É que as pessoas não sabem para onde vão, não sabem o caminho das pedras.



Eu fiquei horrorizado, Paulo, quando o Ministro da Ciência e Tecnologia me disse que o dinheiro disponibilizado muita gente não procurou, e não procurou não é porque não queira inovar. É porque não sabia como fazer. Eu assumi o compromisso, com a CNI, de que nós precisamos trabalhar juntos para que a gente possa motivar os empresários a investirem em inovação, porque isso é aumentar a nossa possibilidade de colocar valor agregado e maior competitividade nos nossos produtos.

Portanto, meus companheiros, eu quero dizer a você, Paulo e ao Marcos Holanda, que eu desejo a vocês um sucesso extraordinário. Por favor, atendam o apelo do Governador só depois das 18h, só depois das 18h. Trabalhem durante o dia, produzam novas ideias, porque o Brasil atingiu uma situação que, daqui para a frente, nós só podemos melhorar, só temos como melhorar.

Portanto, parabéns. Feliz congresso. Eu sei que amanhã o governo estará aqui representado, vai ter muita gente debatendo, e nós temos muita coisa para mostrar. Eu acho que o Brasil atingiu esse patamar, de um país que agora pode manter a estabilidade, controlar a inflação e fazer investimentos, porque sem o Estado bancar parte do investimento... Esse é o dado novo do IBGE, Paulo, esse é o dado novo: o investimento em 26%, ou seja, cresceu em relação ao mesmo período do ano anterior. Significa que nós estamos numa situação confortável, significa que a crise da Europa, eu penso que não vai chegar aqui. Eu não vou falar que é uma marolinha, não, porque essa nem vai chegar aqui. Nós estamos preparados e eu aprendi, de pequeno; aprendi, de muito pequeno, com muito sofrimento: quem tem poupança, aguenta o tranco em momentos difíceis. Nós, hoje, temos US\$ 250 bilhões.

Eu lembro – eu vou contar só isso para terminar –, eu estava na Índia quando a Índia atingiu US\$ 100 bilhões de reservas. Eu estava conversando com o Primeiro-Ministro da Índia, e eu fiquei com uma inveja desgraçada. O Palocci era ministro da Fazenda, e eu falei: puxa vida, Palocci, já pensou o dia em que a gente tiver US\$ 100 bilhões de reservas? Passaram três anos, a



gente tem US\$ 250 bilhões de reservas. Isso eu, isso eu quero debitar [creditar] na conta da confiança do povo brasileiro, na conta dos trabalhadores, dos empresários, na conta do Congresso Nacional, que muitas vezes é acusado, é achincalhado, mas a verdade é que se a gente for espremer o que o Congresso faz, o saldo é altamente positivo nas coisas que nós quisemos aprovar neste país.

Então, eu quero agradecer a vocês e dizer que é meu último congresso como Presidente. Espero que vocês... tem um problema que é o seguinte: político sem mandato, nem vento bate nas costas. Político sem mandato é que nem desempregado. Na família da gente, se tem uma pessoa desempregada, quando você vê que ela vai andando na rua para ir à sua casa, você já dá um jeito de fechar a janela e falar: “ó, vai vir pedir alguma coisa”. Eu acho... Mas eu espero que vocês me convidem...

Cícero, você é o seguinte: você tem mandato até 2012. Eu venho a Alagoas desde 1980. Nunca me convidaram para colocar os pés na água de Alagoas. Eu vou ao Rio desde 1975. Nunca me convidaram para colocar os pés na areia de Copacabana. Eu só vejo em filme. Pois bem, depois do dia 1º de janeiro, meu filho, você pode preparar, você pode preparar uma jangada, que tem um lugar que a gente vai, chega no meio do mar, a gente para, e ainda tem um cara que serve uma “geladinha” para a gente. E quando eu não for, quando eu não for mais presidente, quando eu não for mais presidente, eu posso parar e beber sem ter que dar contas, sem prestar contas a ninguém. Obviamente que da mesma forma que quem beber não pode dirigir, quem beber precisa tomar cuidado com a água.

Mas, de qualquer forma, do fundo do coração, eu quero, Paulo, dizer para vocês que foi uma grata alegria. Tem alguém, que um dia deixou de ser presidente, e falou: “Esqueçam de mim”. Tem alguém que acha que é chato ser presidente. Eu achei gostoso. É uma pena que o mandato é curto. O mandato só é longo para a oposição, que fica esperando. Quero te dizer que eu tenho



consciência de que eu não fiz tudo, mas tenho consciência de que nós fizemos muito. Nós, Paulo, nós construímos. Nós: eu, você e tantos milhões de brasileiros que acreditaram que era possível viver o momento que a gente está vivendo.

Então, muito obrigado, do fundo do coração, por tudo o que nós construímos juntos neste país. Eu peço a Deus que vocês continuem construindo, porque o Brasil não jogará fora o século XXI, como jogou a metade do século XX, quando o Brasil foi a economia que mais cresceu no mundo, de 1950 a 1980, e quando esse crescimento foi aferido, o povo estava mais pobre. Nós precisamos crescer, mas crescer distribuindo um pedaço de pão para cada um, porque assim todo mundo vai continuar crescendo.

Que Deus abençoe todos vocês, e bom congresso.

(\$211A)